

**José Eduardo Gomes de Sá  
Francisco**

Bacharel em Ciências Sociais.  
Universidade Federal de São Carlos  
(UFSCar).

E-mail: [joseeduardogsf@gmail.com](mailto:joseeduardogsf@gmail.com)

**Wagner Xavier de Camargo**

Doutor em Ciências Humanas (Estudos  
de Gênero). Professor-doutor na  
Faculdade de Educação, Universidade  
Estadual de Campinas (Unicamp).

E-mail: [wagnerx@unicamp.br](mailto:wagnerx@unicamp.br)

## GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E EDUCAÇÃO: Analisando super-heroínas/ heróis midiáticos de HQ's

**Resumo:** Nos últimos vinte anos tem havido crescente interesse de pesquisa por parte do mundo acadêmico acerca das História em Quadrinhos (HQ's). Este artigo, por sua vez, objetiva tratar de HQ's de super-heróis midiáticos (da Marvel e DC Comics), na interface com questões de gênero e diversidade sexual, utilizando de pesquisas bibliográficas voltadas aos campos de gênero e sexualidade nos quadrinhos, relacionando-as com elementos educacionais. A partir das reflexões aqui realizadas conclui-se que, por mais que haja personagens que encarnem um posicionamento e discursos mais abertos no tocante às identidades e orientações sexuais, tais questões ainda são complexas e pouco bem-vindas por parte do público *nerd* ou *geek*, muito em virtude tanto de uma formação conservadora do próprio gênero das superaventuras quanto em função do modelo educacional voltado à uma pedagogia heteronormativa.

**Palavras-chaves:** História em quadrinhos; Universo geek; Estudos de gênero; Pedagogia heteronormativa.

## *GENDER, SEXUAL DIVERSITY AND EDUCATION: Analyzing mediatic super heroines/heroes in comics*

**Abstract:** *In the last twenty years there has been a growing interest in research by the academic world about comics. This article aims to deal with media superhero comics (from Marvel and DC Comics) in the interface with gender issues and sexual diversity, using bibliographical research focused on the fields of gender and sexuality in comics, connecting them to educational elements. From the reflections carried out here, it is concluded that, even though there are characters who embrace a more opened position and discourses regarding to sexual identity and orientation, such issues are still complex and unwelcomed by the nerd or geek public, largely due to both a conservative formation of the super adventure genre itself and due to the educational model aimed at a heteronormative pedagogy.*

**Keywords:** *Comics; Geek world; Gender studies; Heteronormative pedagogy.*

Data de submissão: 30/04/2023

Revisão: 23/10/2023

Aprovação: 28/10/2023

Publicação: 15/01/2024



## 1. INTRODUÇÃO: GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL EM FIGURAS HERÓICAS DE HQ'S

Quando pensamos em Histórias em Quadrinhos (HQ's), tendemos a conectá-las com universos fantasiosos, fatos ou fenômenos irrealis, ou ainda, com enredos que não teriam referência na realidade da vida. No entanto, desde as primeiras HQ's, heroínas e heróis tematizam problemáticas candentes da sociedade, que podem se transformar segundo os tempos históricos, porém sempre acabam trazendo questões que afetam a nós, humanos.

Importante frisar que as HQ's não tiveram origem com as histórias de heróis. McCloud (1995) explica que linguagens baseadas em *imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada* são datadas desde milênios a.C.. Porém, assume-se por diversos estudiosos da mídia (Luyten, 1989; EISNER, 1989; McCloud, 1995), que o formato das HQ's, da maneira como conhecemos atualmente, é oriundo de um período mais recente, do final do século XIX e início do século XX.

Tratado por anos como um objeto desprovido de valor para estudos, Ramos (2006) e Vergueiro (2017) defendem que os quadrinhos, na realidade, apresentam amplo leque de esferas a serem compreendidas pelo mundo acadêmico, como discursos, críticas sociais, linguagens alternativas, mercado consumidor, etc., contendo diversos gêneros como comédia, drama, ação e derivados. Entretanto, as HQ's, desde os anos 1970-1980, acabaram virando produto da chamada cultura *pop*, ou o que atualmente se conhece como cultura *nerd* ou *geek*<sup>1</sup>, de modo que o sucesso delas no meio, em especial pelos quadrinhos heróicos, tenha contribuído para uma associação cada vez maior com este gênero.

No caso dos quadrinhos voltados para super-heroínas/heróis, elementos como humor, filosofia e política estão presentes desde os primeiros lançamentos, no final dos anos 1930, a exemplo dos clássicos vilões nazistas nos quadrinhos da Marvel e DC Comics, na chamada “Era de Ouro” (que vai até a metade da década de 1940), ou então do fator “humanização”, trazido pelas histórias a partir de *Spiderman* (Homem-Aranha) e *Fantastic Four* (Quarteto Fantástico), da Marvel, com personagens antes tidos como “perfeitos” passando a enfrentar problemas “comuns”, como emprego, rejeições amorosas, depressão, luto, etc. Além disso, a “Era de Bronze”, entre os anos 1960 e 80, trouxe ainda as problemáticas sociais como racismo, feminismo, homofobia e xenofobia como fatores também presentes nas aventuras (Feijó, 1997).

É na esteira destes temas que se faz importante pensar na diversidade sexual e de gênero no contexto das HQ's. As representações LGBTQIA+ nelas é um caso paradigmático – aliás, pode-se entendê-lo como derivado desta pauta mais ampla de demandas por direitos de minorias sociais. Hoje sabemos sobre super-heróis que saíram do “armário da sexualidade”, de heroínas que mantêm relações com homens e mulheres (são bissexuais), de personagens que postulam incertezas sobre suas atrações sexuais ou se identificam com a não binaridade, entre outros.<sup>2</sup>

Neste sentido, as representações LGBTQIA+ nos produtos culturais, midiáticos e narrativos carregam debates significativos em níveis sociais, subjetivos e até ético-políticos. Nos meio quadrinista, por exemplo, este assunto proporcionou grandes discussões especialmente em dois casos: em 2019, quando o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Putti, 2019), mandou recolher os exemplares da HQ (Histórias em Quadrinhos) *Vingadores: a cruzada das crianças*, da Marvel, da

<sup>1</sup> Os termos *nerd* e *geek*, nos dias de hoje, são usados constantemente como sinônimos, e representam, na maior parte das vezes, a representação de uma cultura voltada para o consumo de produtos de ficção científica ou maior inclinação para os estudos escolares/acadêmicos (Konzack, 2006).

<sup>2</sup> O acrônimo LGBTQIA+ reúne pessoas autoidentificadas como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais e demais, e se desdobrou em várias siglas representacionais nos últimos anos, encampando uma variedade ampla de orientações sexuais e expressões de gênero.



Bienal do Livro no Riocentro, pelo fato do enredo trazer um *beijo gay* entre os personagens Wiccano e Hulkling<sup>3</sup>; e em 2021, com o novo detentor do título de Superman, Jon Kent – filho do Superman original, Clark Kent – beijando outro homem e demonstrando sua bissexualidade na edição *Superman: Son of Kal-El #5*, da DC Comics (Gravena, 2021).

Diante de tais casos, diversas personalidades midiáticas (de artistas a políticos), manifestaram-se sobre o acontecido. Alguns deles afirmavam a importância destas figuras icônicas em HQ's e em outros produtos culturais (como os *blockbusters*), não somente dentro de suas respectivas histórias, mas também (e agora) como representantes da população LGBTQIA+. Outros, por sua vez, entenderam que àqueles beijos carregavam muitos pontos negativos, como a “exposição” de práticas homoafetivas a crianças e adolescentes, a presença de mensagens subliminares progressistas nos atos dos super-heróis, além de uma espécie de “degradação” das imagens atreladas ao universo de heróis e heroínas.

Aqui vale ressaltar as expectativas do senso comum sobre gêneros e sexualidades de tais heróis/heroínas, mesmo eles sendo figuras ficcionais. Para as pessoas comuns que consomem os produtos midiáticos relativos ao universo *nerd/geek*, heróis devem encarnar características de masculinidade e virilidade, contra vilões e monstros, ao passo que heroínas precisam se mostrar femininas, delicadas e sustentar signos de uma feminilidade hegemônica. Numa expressão, elas reproduzem expectativas sociais a partir de uma *pedagogia heteronormativa* que as formou.<sup>4</sup> Aliás, tanto heróis homens quanto heroínas mulheres

recebem uma carga de expectativas que vão muito além do que os próprios roteiristas e desenhistas imprimiram em suas personagens. O caso da Mulher-Maravilha é uma prova disso.<sup>5</sup>

Para a grande maioria das pessoas, sexo e identidade de gênero devem ser coerentes e aparecerem de modo inteligível para a sociedade. Segundo Judith Butler (2003, p. 38), “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. Porém, muitas pessoas (e, por extensão, também personagens de histórias fictícias) se distanciam desta “linha lógica” que organiza sexo, gênero, orientação sexual e desejo.

Como apresentado em Cruz (2017) e Paiva (2021), as representações LGBTQIA+ nos quadrinhos de super-heroínas/heróis não são tão recentes. De acordo com Cruz (2017), o primeiro super-herói assumidamente homossexual foi Estrela Polar, da Marvel, em 1979, que declarou sua orientação sexual apenas em 1992. Até a virada do milênio, influenciada pelo fortalecimento do movimento pelos “direitos LGBTQIA+” (Facchini; França, 2020), outras personagens igualmente foram enquadradas neste espectro de representação, como Flautista e Extraño, da DC, ou ainda a implícita relação entre Mística e Sina, da Marvel.

No entanto, as representações dessas personagens demonstram também diversos elementos criticados até mesmo pela comunidade trans e homossexual da época, como o fato de Extraño ter sua sexualidade gay usada como “alívio cômico” (além de ser portador do HIV), ou o fato de

---

<sup>3</sup> Aqui tomamos o *gay* como chamamento do senso comum e, por isso, *beijo gay* está em itálico. Alinhamo-nos a Butler (2003) em entender as identidades não como fixas, mas mutáveis, e então deixamos os essencialismos como registros da forma que se originam nos discursos de leitores.

<sup>4</sup> Pedagogia heteronormativa é um termo de Junqueira (2014) que revela as estruturas visíveis e invisíveis que orientam as ações pedagógicas no âmbito escolar, pautadas pela

heterossexualidade compulsória (o autor também a chama de pedagogia heterossexista).

<sup>5</sup> William Moulton Marston criou a personagem Mulher Maravilha em 1941 e nunca a colocou como heterossexual: seus afetos e intimidades compartilhadas com outras mulheres, seus fetiches em dominar vilões amarrando-os com cordas apertadas, suas crises de dúvidas em relação aos homens que a rondavam são alguns elementos que apareciam, reiteradamente, nas HQ's (Lepore, 2017).

haver personagens vivendo dentro de rígidos “armários da sexualidade” (Cruz, 2017).<sup>6</sup>

Além disso, histórias completas eram lançadas representando estereótipos e com mensagens que reforçavam discursos de ódio sofridos por homossexuais na época devido à alta transmissão de AIDS no início dos anos 90, especialmente contra os homens gays (Garcia; Bastos, 2021). No caso, Garcia e Bastos (2021) apresentam tal questão na história fictícia intitulada *Vírus Legado*, dos X-Men, lançada em 1993, em que um vírus trazido do futuro infecta e mata diversos mutantes, em alusão à citada doença sexualmente transmissível e o fato de contaminar um recorte específico de pessoas.

Isso tudo foi se desenrolando na esteira de ondas conservadoras, particularmente desencadeadas pelo *Comics Code Authority* (CCA), política inspirada pelo livro *Sedução dos Inocentes* (1954), escrito pelo psiquiatra alemão Frederic Wertham, que alegou que as HQ's de super-heroínas/heróis induziam jovens à violência e a distúrbios sexuais, além de proibir menções explícitas a determinados assuntos nos quadrinhos, como drogas e representações não-heteronormativas (Morrison, 2012; Ramos, 2017; Lepore, 2017).

Tais vieses só foram se alterar nos anos 2000, a partir de personagens tratando suas sexualidades de maneira muito mais resolvida e menos escondida, particularmente induzida pelo fortalecimento do movimento LGBTQIA+ ao longo dos anos:

A desvinculação entre a homossexualidade e a transmissão do HIV, proteção contra a violência de natureza homofóbica, visibilidade e assistência a indivíduos transgênero, e, principalmente, o direito à união civil entre pessoas do mesmo sexo tornaram-se pautas constantes no debate público, desde os anos 1990 até hoje, refletindo a transformação da condição do indivíduos LGBT e, mais do que tudo, a própria diversidade existente no meio,

alterando sua identificação em meio ao tecido social e, conseqüentemente, os discursos e as representações sobre os mesmos (Cruz, 2017, p. 93).

Portanto, é pela compreensão de uma demanda muito maior (que é política) que pretendemos entender discursos engessados sobre “identidades” de gênero de personagens heróicos de HQs, a partir de leitoras/es destes produtos culturais. Se, como aprendemos com Butler (2003), a famigerada “identidade” é um efeito das práticas discursivas, ela também faz parte do que se pode identificar como “heterossexualidade compulsória” (Rich, 2010), ou atualizando para a crítica transfeminista, de uma “cisheteronormatividade” obrigatória (Vergueiro, 2015). Identidades ou identificações passam pela “camisa de força” da cisheteronormatividade, que imputa valores morais, estrutura hierarquias de poder, determina exclusão de uns sobre outros. E isso ocorre, igualmente, no universo ficcional das HQ's.

Assim, a metodologia do trabalho baseou-se em uma pesquisa bibliográfica cujo foco encontra-se em temas como “super-heróis”, “super-heroínas”, “diversidade sexual” e “gênero”, abordando, portanto, a maneira com que tais questões foram trabalhadas em produções quadrinistas, seja a partir das representações das performances de gênero, ou então em diferentes espectros fora do universo binário e cisheteronormativo. Após agrupar uma série de informações que interligam estes conteúdos, será abordada a esfera educativa, de modo a investigar a maneira com que o sistema educacional imputa valores sociais nos indivíduos, perpetuando o *status quo* social à população, ao mesmo tempo em que focaliza as atenções nessas produções que reproduzam tal esquema.

Desta forma, tendo como preocupação de fundo em que medida a diversidade sexual e de gênero está colocada nas HQ's de super-heroínas/heróis e seu “legado educativo”, por assim

<sup>6</sup> A expressão “sair do armário” é comumente usada para designar alguém que tornou pública sua orientação não heterossexual. Porém, Murasaki e Galheigo (2016) informam que, mais do que isso, trata-se de um questionamento do

indivíduo à norma heterossexual em vigor na sociedade. Para uma discussão mais aprofundada sobre armário da sexualidade, sugerimos “A epistemologia do closet”, de Eve K. Sedgwick (2007).



dizer, este artigo se subdivide em duas partes, a saber: primeiro, analisamos como há um *modus operandi* de narrativas de HQ's dominantes que se contrapõem com narrativas alternativas, que resistem apesar de tudo. E, em seguida, baseados em uma crítica sobre como a sexualidade cisheteronormativa privilegia heróis homens em detrimento de heroínas mulheres, problematizamos gênero e heroísmo, inclusive no contexto do sistema educacional formal (em contraposição ao não formal).

## 2. HQ'S E SUAS NARRATIVAS: DE MOLDES DOMINANTES A ALTERNATIVOS

As “histórias de super-heróis” representam o gênero das *superaventuras* (Viana, 2005), que fora criado em 1938, justamente no lançamento do primeiro quadrinho do Super-Homem, da DC Comics – na época ainda intitulada *National Allied Publications* –, a *Action Comics #1*. Caracterizado pelos feitos impossíveis e fantásticos de personagens, como voar, mover navios, parar tanques de guerra, etc., as *superaventuras* carregavam elementos narrativos importantes do ponto de vista político, mercadológico e mesmo filosófico (Campos Filho, 2009; Andreotti, 2021; Weschenfelder; Mügge, 2022).

Além disso, a forma com que as histórias eram contadas e seus personagens descritos nestas HQ's no momento de sua criação acabaram adquirindo significados ainda mais relevantes devido ao ideário de “seres perfeitos”, o que implicava em tipos de comportamento esperados que fossem adotados por consumidores leitores. Seus enredos eram extremamente dualistas, maniqueístas (no sentido “bem x mal”), sexistas e delimitavam papéis e atitudes de *heróis/heroínas* e *vilãs/vilões*, homens e mulheres, de modo não só a estereotipar determinadas ações, discursos e comportamentos, como também manter de núcleos de poder (Beiras *et al.*, 2007). Porém, como já mencionado, mas dito de outra forma, essa “perfeição” foi substituída por uma “humanização” simbolizada por problemas cotidianos nas histórias dos personagens, não obstante à continuidade da

representação de ideologias hegemônicas e dominantes.

Entretanto, alguns padrões ainda podem ser observados ao longo dos anos, especialmente nos *modos* de se contar as histórias, assim como na construção de personagens. Desta forma, observar características dominantes relacionada ao mundo de heroínas/heróis, tanto em seus aspectos “ideais” quanto “humanizados”, delineia um caminho para a compreensão não somente do que significa ser heroína/herói, quanto como o modo com que estes quadrinhos modelam posicionamentos e ideias para o público leitor, em particular em contextos educacionais (Weschenfelder; Fradkin; Yunes, 2019; Weschenfelder; Mügge, 2022). Particularmente, Weschenfelder, Fradkin e Yunes (2019) apontam, por exemplo, que o método dos EUA de utilizar as *superaventuras* nas escolas era extremamente eficiente devido às inspirações trazidas pelos super-heróis (na maioria, homens), daquela época. Com isso, estudar elementos referentes às questões de gênero e sexualidade relacionados aos quadrinhos pode contribuir para o entendimento de como estes aspectos foram trabalhados e moldados (e ainda são), a partir deste produto cultural tão consumido pelo mundo.

Deste modo, nota-se que a figura do herói é, majoritariamente, representada por um homem cisgênero, branco e heterossexual (Amaral, 2022). O fator masculino, em especial, é dominante em todo universo *geek*. Yung (2010) afirma que “homens e garotos” representam uma espécie de “neutralidade” no meio, servindo de base para a construção de personagens, enquanto que personagens femininas estão sujeitas às suas próprias classificações, sendo constantemente retratadas sob conceitos pejorativos, sejam moças indefesas para serem salvas por um herói, ou personagens vulneráveis com roupas curtas e sensuais para provocarem os homens a partir de comportamentos sensuais e maliciosos (Nascimento Jr.; Piassi, 2014).

Devido à particularidade das HQ's de conter textos e imagens para o seu consumo, os desenhos e traços observados nos personagens também adquirem importância expressiva para o estudo em questão. Neste sentido, entende-se que a forma com que os corpos são representados nas histórias

contribui para a propagação de um ideal a ser disseminado nelas. Assim, Beiras e autores (2007) analisam que corpos masculinos, quando destinados a personagens heróicos para servirem de inspiração, são representados como musculosos e viris, a fim de servirem de referência a leitores como o ideal de masculinidade da cultura estadunidense. E isso ocorre, principalmente, quando contrastados com “cidadãos comuns” das histórias, que além de possuírem corpos menos musculosos e muitas vezes magros e esguios, também expõem aparências e comportamentos mais vulneráveis, sendo o contrário do que se espera do gênero masculino.

Estas menções, porém, limitam-se apenas a um entendimento binário sobre gênero, de modo que refletem, geralmente, somente as categorias nominalistas de homens e mulheres cisgêneros, de tal forma que “sexo” e “gênero” estão, na maior parte das histórias contadas, totalmente vinculados um ao outro, dentro de uma lógica estrutural e padronizante. De acordo com Knowles (2008 *apud* Vasconcelos, 2019), a ficção é uma maneira de propagar a heterossexualidade compulsória, assim como o binarismo de gênero, o qual já foi reforçado pelas próprias editoras Marvel e DC ao longo das décadas. O editor-chefe dessa última, Jim Shooter, proibiu a manifestação de personagens LGBTQIA+ na década de 1980, ao passo que a Marvel construiu esta “divisão” a partir da construção de seus personagens não heteronormativos como “traidores” às condições masculinas – como exemplo temos o deus asgardiano Loki, vilão efeminado e deus da mentira (Vasconcelos, 2019).<sup>7</sup>

Desta forma, são poucos os exemplos de super-heroínas/heróis que fogem à lógica binária de gênero nos modelos de narrativas vigentes ao longo da história das editoras. Além do que já foi citado neste texto, há o Perpétuo Desejo, da DC Comics, integrante do universo Sandman, como uma das únicas representações não-binárias (ou possivelmente de gênero fluido). Observe-o na ilustração a seguir:



**FIGURA 1.** Perpétuo Desejo, do universo Sandman.

Fonte: Site Torre de Vigilância.<sup>8</sup>

Porém, tal situação vem visivelmente se alterando nos últimos anos, com personagens como Jess Chambers, velocista da DC Comics lançado em 2021, e Porcelana, também da DC, notadamente de gênero fluido. Há, ainda, Xavin que, na realidade, possui seu gênero fluido representado na forma de superpoder, uma vez que é um *Skrull* (raça da Marvel) e tem a habilidade de alterar sua aparência física.

<sup>7</sup> O vilão Loki, irmão asgardiano de Thor (deus do Trovão) teve seu gênero e sexualidade revelados somente na série da *Disney Plus*, lançada em 2021.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.torredevigilancia.com/saiba-quem-sao-os-perpetuos-e-se-prepare-para-a-serie-sandman-da-netflix/>.



**FIGURA 2:** Personagem Xavin demonstra habilidade de alterar seu sexo.

Fonte: Retirada no Twitter.

### 3. DAS PROBLEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS HQ'S PARA O ÂMBITO EDUCACIONAL

Na história da cultura ocidental não é de hoje que o heroísmo é colado às grandes figuras masculinas: inclusive, há críticas historiográficas que questionam esse heroísmo ser imputado apenas aos homens, arquitetando enredos falocêntricos, machistas e, muitas vezes, misóginos (de aversão às mulheres) (Perrot, 2017). Aprendemos em currículos heteronormativos nas escolas que os heróis são homens, e as mulheres seriam coadjuvantes em acontecimentos e fatos, sendo consideradas inferiores ou pouco importantes.

No universo das HQ's, o despontar das histórias do Superman no contexto da Segunda Guerra Mundial foi realmente surpreendente. Lepore (2017), ao contextualizar o momento em que as histórias do Homem de Aço empolgavam gerações, também afirma que suas aventuras serviam para incentivar os soldados na Guerra, assim como aconteceu com as figuras do Capitão América, que aparece na capa de sua primeira HQ socando o rosto de Hitler, ou ainda o Tocha Humana e Príncipe Namor posteriormente em ações similares (Silva, 2008).

Mas Weschenfelder e Colling (2011) relatam que foi devido às investidas e protestos do movimento feminista branco de Segunda Onda que a criação de super-heroínas passou a ser incentivada neste meio. Queremos registrar que, a partir de nossas leituras de diversas fontes, há três momentos importantes entre as décadas de 1930 e 1940 que denotam o aparecimento de heroínas em HQ's: 1º) entre os anos de 1936 e 1937, no qual aparecem *Fantomah*, a mulher misteriosa da selva, e *Sheena*, a rainha da selva. Ambas tiveram algum apelo, mas apenas *Sheena* ganhou uma revista própria rapidamente (Figura 3)<sup>9</sup>; 2º) efervescência do início dos anos 1940: *Black Fury* (ou *Miss Fury*) e *Phantom Lady* foram lançadas meses antes da Mulher Maravilha, cuja estreia se dá em dezembro de 1941, na edição n. 8 da *All-Star Comics*, intitulado *Introducing Wonder Woman* (Lepora, 2017); 3º) em nossa interpretação, o terceiro momento ocorre ao longo da década de 1940, em que lançar heroínas fantásticas e com múltiplos poderes passou a ser uma constante. Desta fase têm destaque *Golden Girl*, que inclusive luta ao lado do Capitão América na Segunda Guerra, *The Blonde Phantom*, a primeira heroína direcionada ao público feminino (Figura 4), e Namora, a versão feminina do Príncipe Namor (Machado, 2023), dentre outras.

<sup>9</sup> Will Eisner criou Sheena em 1937, sob o pseudônimo de William Thomas. Como explica Feijó (1997, p. 45), “versão feminina de Tarzan, Sheena era linda, selvagem e só usava um

minúsculo biquíni de leopardo, um *show* de sensualidade que enlouquecia os jovens leitores da época”.



FIGURA 3. Sheena Queen of the Jungle #510

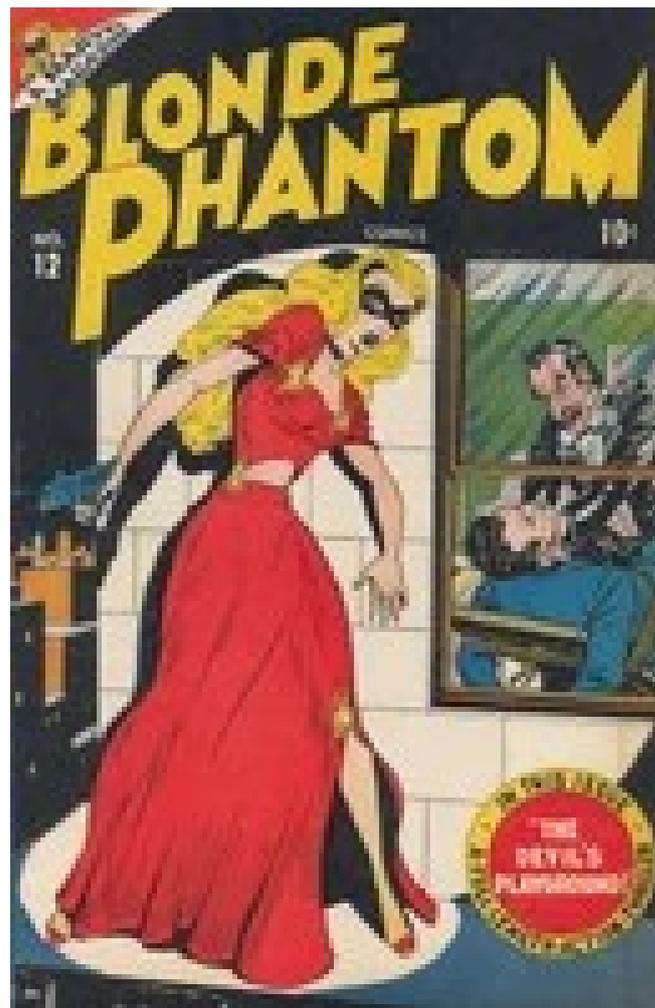


FIGURA 4. Blonde Phantom comics #1211

Mulher Maravilha não foi a primeira, mas certamente foi a heroína que adquiriu estrondoso sucesso a partir de seu lançamento. Jill Lepore, pesquisadora feminista que mergulha nos arquivos pessoais do criador desta personagem, afirma que Marston, ao criá-la, queria oferecer às crianças e jovens um modelo de feminilidade forte, livre e corajosa, além de “combater a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens, e para inspirar meninas à autoconfiança e às realizações no atletismo, nas ocupações e profissões

<sup>10</sup> Disponível em:  
<https://mondomoda.com.br/2020/07/10/primeiras-super-heroínas-das-hqs-parte-1/>.

<sup>11</sup> Disponível em:  
[https://marvel.fandom.com/wiki/Blonde\\_Phantom\\_Comics\\_Vol\\_1](https://marvel.fandom.com/wiki/Blonde_Phantom_Comics_Vol_1).



monopolizadas pelos homens” (Lepore, 2017, p. 278).

Nos anos 1960 viriam os ventos de mudança da revolução sexual e de costumes e, no mundo das HQs, foi a partir dos X-Men que as personagens mulheres passaram a ter maior destaque, período em que seus criadores, Stan Lee e Jack Kirby, também notaram a força dos movimentos estudantis, negro e feministas (de outras perspectivas).

Estes acontecimentos sem precedentes foram responsáveis, não apenas pela maior inserção de personagens mulheres em papéis de protagonismo, como também se expandiu para o tema da diversidade sexual em si, retratando heroínas e heróis mutantes como seres que, apesar de possuírem a capacidade de ajudar as pessoas, seriam discriminadas/os por portarem o gene “Fator X”, algo que as/os faziam adquirir aparências tidas como “anormais” (Weschenfelder; Colling, 2011). Ao mesmo tempo e como consequência, o tema da sexualidade também ganhou espaço nos quadrinhos, porém, de maneira mais implícita por conta da restrição imposta pela CCA. Com isso, personagens não-heteronormativos foram marginalizados e ocultados por décadas, limitando-se a papéis vilanescos, estereotipados e mesmo ridicularizados.

As discussões a respeito dessas pautas nos quadrinhos, apesar de aparentarem estar restritas a um campo meramente voltado para o entretenimento, carregam extrema importância não somente pelo consumo desenfreado de produtos voltados às/aos super-heroínas/heróis, como também pelo caráter educacional presente nas HQ’s, particularmente em sala de aula. Neste sentido, Ramos (2004; 2006) em vários de seus escritos, apresenta interessantes e detalhadas propostas do uso de HQ’s para as escolas brasileiras, como recursos didáticos no ensino de língua portuguesa.

As críticas ao uso de quadrinhos são antigas e a aversão à sua aplicação no ambiente educacional vêm desde a década de 1920 no Brasil. Dizia-se, sem quaisquer fundamentos, que as histórias embutiam costumes “estrangeiros” nas crianças (Weschenfelder; Fradkin; Yunes, 2019) e que isso era “perigoso”. Segundo esses autores mencionados, surpreendentemente foi o sociólogo Gilberto Freyre um dos primeiros a defender o uso de HQ’s na alfabetização das crianças, ainda em

1949. Desde então, diversos estudos são conduzidos na intenção de averiguar de que maneira os quadrinhos, dentre eles os de superaventuras, poderiam influenciar, contribuir ou prejudicar a formação do indivíduo e sua educação.

Diante disso, percebemos a coexistência de duas forças opostas que implicam, diretamente, na relação dos conhecimentos formais *versus* não formais, e que colocam em oposição “escola x HQ’s” – sem sentido, em nossa visão. A deslegitimação de conhecimentos outros (não formais como o das HQ’s) reforça que apenas o conhecimento institucionalizado é válido. Orso (2012), por exemplo, explica que a educação é um mecanismo para a manutenção do *status quo*, de modo que características estruturais como o machismo e a heteronormatividade sejam inseridas, coercitivamente, nos ensinamentos pedagógicos aos alunos.

Portanto, caso a escola e seu corpo docente não questionem métodos e formas de ensino e se abram para novas linguagens e possibilidades, tendem a reafirmar uma masculinidade hegemônica (Connell, 2005) tóxica e uma feminilidade padrão, que ao mesmo tempo reforça estereótipos vinculados a “papéis” de gênero (algo sem sentido quando pensamos em expressões de gênero que não são fixas), postula hierarquias que violentam, inferiorizam e aniquilam corpos dissidentes. Por isso, a discussão aqui encampada sobre a diversidade sexual e gênero em conteúdos não formais de ensino (como as HQ’s) ser de fundamental importância.

Nesta perspectiva existem dimensões da heteronormatividade e patriarcais presentes no cotidiano escolar que impregnam o currículo, compõem redes de poderes, estabelecem controle e vigilância, promovem a gestão das fronteiras da (hetero)normalidade, produzem classificações, hierarquizações, privilégios, estigmatização, marginalização, comprometem o direito à educação

de qualidade e engendram uma cidadania mutilada.<sup>12</sup>

No caso de sujeitos LGBTQIA+, Miranda e Oliveira (2016) explicam que os poucos debates a respeito do tema na intersecção com a educação, além do entendimento de que os membros desta comunidade são “aceitáveis” desde que discretos, silenciados, “dóceis” (para lembrar termos de Michel Foucault), também pactuam, de alguma forma, com a manutenção da estrutura heteronormativa do sistema educacional.

Tais questões se relacionam diretamente com a forma com que personagens fora da lógica patriarcal e cisheteronormativa são retratados nas HQ’s de super-heróis, assim como na forma com que leitoras/es as/os recebem. Como já dito, demoraram-se décadas até que super-heroínas tivessem algum papel de destaque nas HQ’s consumidas pelo público em geral, limitando-se por muito tempo ao papel de vítima ou à sombra de super-heróis homens. Além disso, a CCA fez com que os primeiros personagens LGBTQIA+ tivessem suas representações ocultadas, nunca se referindo às suas sexualidades de maneira direta e explícita.

Um dos pontos que corroboram para o entendimento de que este “mecanismo” cumpre adequadamente a função de “manter o *status quo*” é a diversidade de trabalhos e HQ’s que apresentam a presença massiva de fãs, que estão descontentes com os destaques dados a personagens com estas características, assim como suas justificativas.<sup>13</sup>

A partir do trabalho de Amaral (2022), por exemplo, percebe-se que diversas leitoras/es demonstram insatisfação com a transformação de um personagem clássico em LGBTQIA+, ou com a criação de um novo como parte do acrônimo, ou ainda com super-heroínas recebendo destaques utilizando como justificativa alguns argumentos como “nos quadrinhos não é assim”, “estão forçando a barra para agradecer minorias”, “estão

tirando a essência dos super-heróis”, entre outros argumentos.

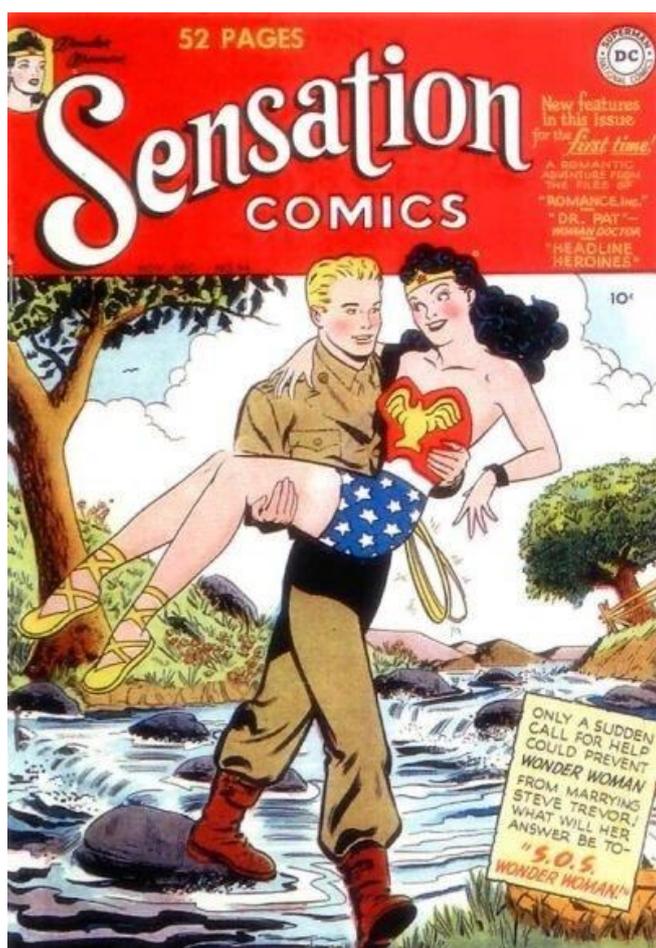
O uso do termo “essência”, em específico, reflete um entendimento central do artigo de que, em uma superaventura, algumas hierarquias e estruturas devem ser mantidas: o protagonista deve ser homem (especificamente cisgênero) e hétero; fora isso, estará afastando-se do que realmente é uma HQ de super-heróis. Isso ressalta não apenas a relação que consumidores possuem com o sistema de valores pregados pelo sistema educacional, como também demonstra uma formação de pensamento gerada pelas próprias HQ’s: se o protagonismo ou até uma simples presença de personagens deste tipo não condiz com os quadrinhos antigos, e se este movimento ocorre apenas devido à ascensão de movimentos sociais recentes, demonstra-se que as histórias até então são marcadas por viés conservador, adotado pelo sistema educacional.

Tais manifestações nas obras, inclusive, apresentam efeitos práticos no pensamento social, como Diniz (2021) reforça, a partir da observação de que o público masculino se sente menos confortável com mulheres em posição de poder, assim como ele culpabiliza mais as vítimas em casos de abusos sexuais, do que os abusadores homens em si. O estudo de Cavalcanti (2018) demonstra que, no período imediato do pós-Guerra, as representações femininas, em especial, sofreram mudanças drásticas – como foi o caso da Mulher-Maravilha que, antes retratada como Amazona intrépida e valente, passou a ser estampada nas capas de suas revistas com vestimentas e comportamentos mais vulneráveis, particularmente na presença de seu namorado Steve Trevor:

---

<sup>12</sup> Sabemos aqui que existe uma longa discussão sobre currículo e escola, na Educação, mas também em várias áreas do conhecimento. No entanto, aprofundar este aspecto aqui não cabe nos limites deste artigo.

<sup>13</sup> Outro ponto interessante como desdobramentos deste artigo seria analisar as produções escritas dos *fandoms*, grupos de fãs-escritores-amadores, que desdobram histórias oficiais (*fanfictions*).



**FIGURA 5.** Capa de 1949, Mulher-Maravilha socorrida por Steve Trevor.

Fonte: DC Fandom.<sup>14</sup>

Dessa maneira, a partir da incorporação de valores de produtos culturais importados que o público da mídia quadrinista consome, moldou-se uma predisposição para manter o *status quo* em relação às questões de gênero e sexualidade – e, neste sentido, o próprio meio educacional legitima tal aspecto. Isso revela com clareza a estrutura social hierárquica e desigual no que tange aos gêneros e sexualidades, tanto quando se analisa a produção, quanto o consumo de HQ's. Portanto, de maneira inadvertida, Weschenfelder e Colling (2011) destacam que a adoção de linguagens e narrativas

que desafiem valores dominantes possa se tornar potente agente de empoderamento para consumidoras/es. Os autores citam, por exemplo, o consumo de histórias de super-heroínas que desbancam seus parceiros masculinos, ou daquelas que focalizam personagens alternativos e fantásticos LGBTQIA+.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos por objetivo tensionar questões relativas ao consumo de HQ's de super-heroínas/heróis midiáticos (principalmente da Marvel e da DC Comics) no cômputo de um conjunto de problemáticas relativas às diversidades sexuais e de gênero.

Obviamente este artigo não é uma receita, muito menos um documento mandatário sobre “como as coisas devem ser”, mesmo porque, como gostamos de HQ's de super-heroínas/heróis e nos interessamos pelos trabalhos acadêmicos que as/os tomam como objeto de estudo, sugerimos que eles sirvam de referências para pensar outras e novas formas de se trabalharem conteúdos culturais e lúdicos na escola, porém de forma crítica e não reprodutiva.

Entretanto, e depois de algum debate intenso entre nós e de nossas leituras bibliográficas, percebemos que, por mais que haja personagens que encarnem posicionamentos e discursos mais abertos no tocante às identidades e orientações sexuais, tais questões ainda são complexas e pouco bem-vindas por parte do público *nerd* ou *geek*, seja em ambientes de educação não formal (*shopping centers*, roda de amigos, feiras de *cosplay*, etc.), seja naqueles de educação formal (como as escolas públicas ou privadas). Isso porque, inclusive, esta temática ainda é pouco assimilável e mesmo aceita para um público mais geral no país.

Portanto, de uma perspectiva educacional formal, se não houver abertura e certa ousadia por parte de docentes em empregar HQ's como formas

<sup>14</sup> Disponível em:

[https://dc.fandom.com/wiki/Sensation\\_Comics\\_Vol\\_1\\_94](https://dc.fandom.com/wiki/Sensation_Comics_Vol_1_94).



críticas de trabalhar conteúdos educacionais (como numa aula de história sobre a Segunda Guerra Mundial ou numa explicação biológica de heróis que conseguem respirar debaixo d'água, por exemplo) e, de uma perspectiva educacional não formal, se não houver editoras que publicam histórias alternativas, que criam/recriam personagens fantásticas/os, inteligentes e bem-sucedidas/os LGBTQIA+ não haverá mudanças culturais significativas no seio social.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Caio. **A receptividade a personagens LGBTQIA+ nas Histórias em Quadrinhos de super-heróis**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27597>. Acesso em: 10 out. 2023.
- ANDREOTTI, Bruno. Super-heróiismo e fascismo. *In: Super-heróis e política*. 2 ed. São Paulo: Ed. Criativo, 2021.
- BEIRAS, Adriano *et al.* Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 62-67, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wf5NkZ7jR4TKj46yGmtDswG/?lang=pt>. Acesso em 10 out. 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPOS FILHO, Celso de Sousa. **Os quadrinhos como forma de propaganda ideológica**. Monografia (Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2120/2/20583462.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.
- CAVALCANTI, Marina de Simone. **Muito além dos superpoderes: as histórias em quadrinhos de super-heróis como força social**. 2018. Monografia (Bacharelado em Produção Cultural) - Instituto Federal do Rio de Janeiro, Nilópolis, 2018.
- CONNELL, Robert W. **Masculinities**. 2<sup>nd</sup> ed. Berkeley: University of California, 2005.
- CRUZ, Dandara Palankof. **A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11736>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- DINIZ, Fernanda Cristina de Oliveira Ramalho. **Super-heroína (en)cena: representatividade e representações sociais das mulheres e das super-heroínas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26020/1/FernandaCristinaDeOliveiraRamalhoDiniz\\_Dissert.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26020/1/FernandaCristinaDeOliveiraRamalhoDiniz_Dissert.pdf). Acesso em: 14 mar. 2023.
- EISNER, Will. **Arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes Ed. Ltda, 1989.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora (Orgs.). **Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020.
- FEIJÓ, Mario. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.
- GARCIA, Yuri; BASTOS, Thiago. A representatividade das minorias sociais nas histórias em quadrinhos dos X-Men e sua importância para a sociedade. **INSÓLITA - Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário**, v. 1, n. 2, p. 30-46, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/insolita/article/view/4254/pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves; OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Os limites das categorias heteronormativas no cotidiano escolar e a pedagogia queer: o caso do uso do banheiro. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 32, p. 350-373, 2016. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/1191>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GRAVENA, Leo. Legião dos Heróis. DC anuncia que Jon Kent, o novo Superman, é bissexual. **Blog Legião dos Heróis**. 2021. Disponível em: <https://www.legiaodosherois.com.br/2021/jon-kent-superman-dc-bissexual.html>. Acesso em: 25 abr. 2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Annual Review of Critical Psychology**, n. 11, p. 189-204, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Rogério-Junqueira/publication/318275684\\_Gender\\_and\\_Sexuality\\_A\\_PEDAGOGIA\\_DO\\_ARMARIO\\_HETEROSSEXISMO\\_E\\_VIGILANCIA\\_DE\\_GENERO\\_NO\\_COTIDIANO\\_ESCOLAR\\_BRASILEIRO/links/595f793f0f7e9b8194dfca0a/Gender-and-Sexuality-A-PEDAGOGIA-DO-ARMARIO-HETEROSSEXISMO-E-VIGILANCIA-DE-GENERO-NO-COTIDIANO-ESCOLAR-BRASILEIRO.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Rogério-Junqueira/publication/318275684_Gender_and_Sexuality_A_PEDAGOGIA_DO_ARMARIO_HETEROSSEXISMO_E_VIGILANCIA_DE_GENERO_NO_COTIDIANO_ESCOLAR_BRASILEIRO/links/595f793f0f7e9b8194dfca0a/Gender-and-Sexuality-A-PEDAGOGIA-DO-ARMARIO-HETEROSSEXISMO-E-VIGILANCIA-DE-GENERO-NO-COTIDIANO-ESCOLAR-BRASILEIRO.pdf). Acesso em: 2 abr. 2023.

KONZACK, Lars. Geek Culture: The 3rd Counter-Culture. In: **Fun 'n' Games Conference 2006**, Preston: June 26-28, 2006. p. 71-78. Disponível em: [https://www.academia.edu/3808704/Geek\\_Culture\\_The\\_3rd\\_Counter\\_Culture](https://www.academia.edu/3808704/Geek_Culture_The_3rd_Counter_Culture). Acesso em: 26 abr. 2022.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Trad. Érico Assis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

LUYTEN, Sônia Maria Bibe (Org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MORRISON, Grant. **Superdeuses: mutantes, alienígenas, vigilantes, justiceiros, mascarados e o significado de ser humano na era dos super-heróis**. São Paulo: Seoman. 2012.

MURASAKI, Aryel Ken; GALHEIGO, Sandra Maria. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 53-68, 2016. Disponível em: [https://observatorio.fm.usp.br/bitstream/OPI/29446/2/art\\_MURASAKI\\_Youth\\_homosexuality\\_and\\_diversity\\_a\\_study\\_on\\_the\\_2016\\_por.PDF](https://observatorio.fm.usp.br/bitstream/OPI/29446/2/art_MURASAKI_Youth_homosexuality_and_diversity_a_study_on_the_2016_por.PDF). Acesso em: 10 out. 2023.

NASCIMENTO Jr., Francisco de Assis; PIASSI, Luis Paulo. Crise de Identidade: a representação de gênero nos quadrinhos de super-heróis. In: **Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, v. 3, n. 7, 2014. p. 681-698. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Luis-Paulo-Piassi/publication/341993294\\_Crise\\_de\\_Identidade\\_e\\_a\\_Representacao\\_de\\_Genero\\_nos\\_Quadrinhos\\_de\\_Super-Herois/links/5edd697c458515294544424a/Crise-de-Identidade-a-Representacao-de-Genero-nos-Quadrinhos-de-Super-Herois.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luis-Paulo-Piassi/publication/341993294_Crise_de_Identidade_e_a_Representacao_de_Genero_nos_Quadrinhos_de_Super-Herois/links/5edd697c458515294544424a/Crise-de-Identidade-a-Representacao-de-Genero-nos-Quadrinhos-de-Super-Herois.pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

ORSO, Paulino José. Educação, história, possibilidades e os limites. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 4, n. 2, p. 46-57, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminia/article/view/9384/6822>. Acesso em 10 out. 2023.

PAIVA, Mário Jorge de. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações infanto-juvenis. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, p. e021005, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/14543/11087>. Acesso em: 22 out. 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PUTTI, Alexandre. Crivella manda retirar HQ com beijo gay da Bienal do Livro no Rio. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/crivella-manda-retirar-hq-com-beijo-gay-da-bienal-do-livro-no-rio/>. Acesso em: 10 out. 2023.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. **Estudos Linguísticos** [formato físico], v. 35, p. 1574-1583, 2006.

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: VERGUEIRO, Waldomiro & RAMA, Ângela (Orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 65-85.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira. **Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXWMUC/1/tese\\_doutorado\\_vers\\_o\\_para\\_encaderna\\_o\\_vers\\_o\\_final.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXWMUC/1/tese_doutorado_vers_o_para_encaderna_o_vers_o_final.pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsório e existência lésbica (tradução Carlos Guilherme do Vale). **Revista Bagoas - estudos gays, gênero e sexualidade**, v. 4, n. 5, 2010. p. 17-44. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>. Acesso em 10 mar. 2023.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos PAGU**; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 mar. 2023.

SILVA, Elcio Eduardo da. **Namor, Tocha Humana e Capitão América em Marvels: Ao lado dos Aliados na 2ª Guerra Mundial**. 2008. Monografia (graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19138/1/NamorTochaHumana.pdf>. Acesso em 28 mar. 2023.

VASCONCELOS, Angelina Michele. Dissidências sexuais e de gênero em HQ's: produção de subjetividades. **Seminário Interlinhas**, v. 7, n. 2, p. 31-42, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/asipc/articula/view/15900>. Acesso em 11 out. 2023.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; MÜGGE, Ernani. Superaventuras em ambientes escolares: recursos de desenvolvimentos humanos em crianças e adolescentes em situações de riscos. **Revista Parajás**, v. 5, n. 2, p. 62-77, 2022. Disponível em: <http://revista.institutoparajas.org/index.php/parajas/article/view/78/122>. Acesso em: 11 out. 2023.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; FRADKIN, Chris; YUNES, Maria Angela Mattar. Além da superaventura: quadrinhos em ambiente



escolar. **Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 5, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Gelson-Weschenfelder/publication/339149341\\_Alem\\_da\\_superaventura\\_quadriinhos\\_em\\_ambiente\\_escolar\\_Beyond\\_the\\_super\\_adventure\\_comics\\_in\\_a\\_school\\_environment/links/5e419c76a6fdccd9659a1349/Al-em-da-superaventura-quadriinhos-em-ambiente-escolar-Beyond-the-super-adventure-comics-in-a-school-environment.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Gelson-Weschenfelder/publication/339149341_Alem_da_superaventura_quadriinhos_em_ambiente_escolar_Beyond_the_super_adventure_comics_in_a_school_environment/links/5e419c76a6fdccd9659a1349/Al-em-da-superaventura-quadriinhos-em-ambiente-escolar-Beyond-the-super-adventure-comics-in-a-school-environment.pdf). Acesso em: 28 mar. 2023.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; COLLING, Ana. As super-heroínas das histórias em quadrinhos e as relações de gênero. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 2, p. 437-454, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526548004.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

YUNG, Rachel. **Geek Media and Identity**. Honors Thesis in Sociocultural Anthropology. 2010. p. 1-96. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/79473/rach?sequence=1>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Como citar este artigo:

FRANCISCO, José Eduardo Gomes de Sá; CAMARGO, Wagner Xavier de. Gênero, diversidade sexual e educação: analisando super-heroínas/heróis midiáticos de HQ's. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.5, n.9, jul. - dez. 2023. p. 15-29.